

A ideia de Amazônia em interface à de paraíso

The Idea of Amazon in Interface of Paradise

Liliane Costa de Oliveira¹
Tereza de Sousa Ramos²

RESUMO

A Amazônia sempre atraiu olhares astutos e admirados por sua beleza e grandiosidade. Foi elemento de interpretações científicas e de esperanças aventureiras. Foi o inferno e o paraíso, foi fruto das narrativas dos viajantes e das invenções carregadas dos elementos míticos e mágicos. Foi a última página do gênese e a esperança biológica na era das incertezas. Essa Amazônia, ao longo dos séculos vem sendo interpretada e inventada por percepções que situam-se na história e carregam consigo ideias que influenciaram diretamente no olhar sobre a região. Dentre essas, destacamos a ideia de paraíso como um elemento presente nos discursos sobre a Amazônia inventada. Trata-se de um recorte onde se resgata uma visão que está também orientada pela tradição religiosa. Entre as narrativas dos viajantes sobre este lugar está o sonho de encontrar o “paraíso”, o novo Éden, definindo-o como “paraíso terrestre” ou “inferno verde”, fazendo alusão à dicotomia cristã entre inferno e paraíso. O objetivo deste artigo é abordar a concepção de paraíso vinculada à mentalidade que se formava acerca da Amazônia a partir dos viajantes. Neste sentido, pretende-se analisar a ideia de Amazônia em interface ao conceito cristão de paraíso, à luz da explicação hermenêutica de Hans-Georg Gadamer.

Palavras-chave: Amazônia; Paraíso; Invenção; Hermenêutica.

ABSTRACT

The Amazon has always attracted astute and admired looks for its beauty and grandeur. It was an element of scientific interpretations and adventurous hopes. It was hell and paradise, was the fruit of the narratives of travelers and inventions loaded with mythical and magical elements. It was the last page of genesis and biological hope in the age of uncertainties. Throughout the centuries, this Amazon has been interpreted and invented by perceptions that are situated in history and carry with them ideas that directly influenced the look of the region. Among these, we highlight the idea of paradise as an element present in the discourses

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPSCA/UFAM); Mestra em Sociologia (UFAM); Graduada em Ciências Teológicas (FBN); Licenciada em Ciências Sociais (UFAM). Docente na Faculdade Boas (FBN-AM) e integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas de Religião, Cultura e Imaginário (OIKOUMENE/UFAM). E-mail: lilioliveiral23@yahoo.com.br

² Doutoranda em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM); Mestra em Sociologia (UFAM), Graduada em Ciências Sociais (UFAM). Docente na Universidade no Curso de Relações Internacionais do Centro Universitário do Norte (UNINORTE-AM). E-mail: tsr22t@yahoo.com.br. Submetido em: 04/09/2018; aceito em: 30/12/2020.

about the invented Amazon. It is a cutback that rescues a vision that is also guided by religious tradition. Among the travelers' accounts of this place is the dream of to find the "paradise", the new Eden, defining it as "earthly paradise" or "green hell", making allude to the Christian dichotomy between hell and paradise. The objective of this article is to approach the concept of paradise linked to the mentality that was formed about the Amazon from the travelers. In this sense, we intend to analyze the idea of Amazon in interface with the Christian concept of paradise, in the light of the hermeneutic explanation of Hans-Georg Gadamer.

Keywords: Amazon; Paradise; Invention; Hermeneutics.

Introdução

Escrever sobre o pensamento construído por intermédio dos primeiros registros da Amazônia é fazer uma viagem desde o período em que essa região passou a ser explorada pelos europeus. Para tanto, é relevante conhecer como os europeus enxergavam? Viram essa terra coberta por uma floresta exuberante, habitada por povos de costumes e valores distintos dos "ocidentais". O olhar dos viajantes europeus se desdobrou até os dias de hoje, a saber, um lugar exótico, tradicional, intocável, primitivo.

Além desses olhares, a Amazônia também foi chamada de paraíso. Nota-se que a ideia de paraíso é um elemento presente nos discursos sobre este lugar, logo, o imaginário amazônico também está vinculado à busca pelo paraíso perdido, ou seja, pelo Éden, descrito nas histórias bíblicas.

A interpretação e a formação de uma ideia de Amazônia para esses cronistas e viajantes sofria forte influência das principais ideias propagadas no período de sua ocupação, as quais eram carregadas de ideologias religiosas e atropetadas pelos elementos mágicos e míticos. Fazer uma interpretação e construir uma ideia de Amazônia sob a luz dessas ideologias colocava esses intérpretes em uma situação hermenêutica, prova disso é que suas ações estavam orientadas por essa atitude, ou seja, tinham a intenção de compreender a realidade Amazônica à luz das ideias da época e das escrituras religiosas.

Esse artigo faz um recorte no qual se resgata uma visão orientada pela tradição religiosa e também pelas estratégias de legitimação dos conquistadores sobre suas colônias. No entanto, o objetivo é entender de que forma a ideia de Amazônia estava imbuída de significado religioso a partir da associação com o vocábulo *paraíso* e analisar a concepção de paraíso vinculada à mentalidade que ia se formando acerca da Amazônia a partir dos viajantes. Para isso, será feita uma análise da ideia de Amazônia em interface ao conceito cristão de paraíso à luz da explicação hermenêutica de Hans-Georg Gadamer.

A Amazônia e o imaginário europeu

Sabe-se que a Amazônia foi marcada pelo discurso europeu, porém, ela "é ocupada primeiramente, pela imaginação fantasiosa do conquistador e, posteriormente, pelo imaginário moderno dos naturalistas". "Entre os primeiros se encontra também o discurso missionário" (PIZARRO, 2012, p. 38).

A mentalidade do europeu – homem medievo do século XIII – era permeada por mitologias que descreviam o Novo Mundo fundamentado em um sentido universal que funcionava como norma e modelo de concepção sobre o "outro". "Esse princípio fundamental emanava de Deus, que dá sentido aquilo que é vazio". Essa forma de pensar levava o europeu a

buscar relações simbólicas com Deus, levando muitos viajantes a deixarem seus países em busca do berço da humanidade descrito pelos escritos sagrados dos cristãos (GONDIM, 1994).

Trata-se também de um imaginário construído a partir da Índia, atribuindo à Amazônia a condição paradisíaca. Esse atrativo de uma “terra desconhecida”, do ponto de vista daqueles que a ocupavam e a exploravam, é um espaço para a imagem fantasiosa e demoníaca ou como um tesouro a ser explorado (PIZARRO, 2012).

De todos os lugares visitados, a Índia foi quem impressionou mais os viajantes. A Índia foi a resposta para as verdades bíblicas, do clima, dos acidentes geográficos, da flora, da fauna e da religião, representava o sonho de viver eternamente, longe das pestes e da fome, sem trabalho, lugar onde haveria uma só estação durante o ano todo, onde as árvores produziam frutos sem cessar, terra banhada por rios inesgotáveis. Todas as histórias narradas e escritas ratificavam ser a Índia um lugar rico em tesouros. São relatos que exerceram forte fascínio e deslumbramento sobre as pessoas, por isso todos queriam encontrar o “paraíso terrestre” e dominar a “terra prometida” (GONDIM, 1994).

“[...] A invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes” europeus (GONDIM, 1994, p. 9). Essa leitura é esclarecedora quando se pontua que a Amazônia é uma invenção, uma vez que desde as primeiras impressões tem sido um desafio entendê-la.

Poderíamos resumir tal compreensão pela seguinte frase: “Decifra-me ou eu te devoro”, o desafio da esfinge a Édipo³ parece o mesmo entre a Amazônia e os que tentaram interpretá-la, por isso, a percepção europeia foi definindo este lugar de acordo com o imaginário que atopavam a mentalidade daqueles que tentaram decifrá-la.

Vale ressaltar que esta percepção “é o da experiência direta, do testemunho”, porém a realidade que enxerga e que acredita enxergar [...] está enquadrada nos ecos da bagagem transportada” pela cultura dos viajantes (PIZARRO, 2012, p. 68). Isto quer dizer que a Amazônia está marcada por uma visão que a comparou, sobretudo com a sociedade europeia, mas isso não significa que o olhar dos viajantes não percebeu as diferenças, de alguma forma a falsa imagem de uma cultura europeia homogênea e integrada veio à tona⁴.

Numa perspectiva cristã, os viajantes pouco se preocuparam “com as particularidades do Mundo Novo. [...] O que os conquistadores fizeram [...]” foi comparar as “verdades próprias do mundo cristão com a realidade americana”. Por exemplo, os costumes e comportamentos dos nativos evidenciavam a presença do diabo, em contrapartida, os bons hábitos evidenciavam as leis naturais criadas por Deus (RAMINELLI, 1997, p. 11.).

Para a estudiosa Ana Pizarro (2012), o pensamento europeu, nesse momento, se expressa pelo sentimento de pena em relação ao “outro”, desse modo, o relativismo cultural desmorona frente a uma sociedade que se erigia como insígnia da modernidade, da racionalidade, enfim, da superioridade.

Nesse sentido, a interpretação acerca da “terra incógnita” é posta em xeque, pois, o ato de tentar traduzi-la de forma alguma foi uma simples transposição dos significados e das referências entre culturas, mais do que isso, os discursos e interpretações sobre a Amazônia se caracterizaram pelo exagero, pelo real-maravilhoso, pelo exótico, e todos esses elementos ideologizaram-se, permanecendo como sua tessitura representativa. É um discurso, portanto, que não deu destaque para os conflitos sociais, que não captou as diferenças e os efeitos destrutivos da ação colonialista.

³ Mito grego que narra a história de Édipo, famoso por matar seu pai e casar-se com a própria mãe e por decifrar o enigma da esfinge que aterrorizava a população de Tebas.

⁴ Por exemplo, o analfabetismo de certos grupos europeus.

Amazônia, o “paraíso perdido”

Vimos que as ideias e a imaginação dos viajantes estavam arraigadas à mitologia grega e ao conhecimento da diversidade sociocultural da Índia, porém, os seus conceitos também eram religiosos, fundamentados no Cristianismo. Era um imaginário cristão vinculado à Igreja Católica, os quais zelosos pelos princípios religiosos se esforçavam em “descobrir” novas terras e trazer novos povos para a cristandade.

As primeiras viagens ao redor do mundo, segundo Gondim (1994), realizadas pela Igreja foram realizadas com a intenção de estender o Cristianismo sobre outros lugares; outras visavam encontrar os túmulos de Nossa Senhora, de Adão, de Cristo, de Isaac e Raquel. A Bíblia era a fonte de inspiração dos viajantes, por isso, as maravilhas e riquezas do oriente chamavam atenção.

As interpretações relativas à Amazônia no âmbito teológico podem ser aproximadas por suas instituições de pertencimento, a saber, Igreja e Estado, que demandavam um gênero de produção: os relatórios. Sobre isso Almeida (2008, p. 42) destaca que “os relatórios [...], se preocupavam em registrar a presença do chamado “gentio” e perseguiram fins utilitários, objetivando implementar de maneira mais imediata sua ação evangelizadora ou seus empreendimentos econômicos nos trópicos”.

Para além do registro da atividade evangelística, esses documentos revelam a visão de mundo dos indivíduos que viveram no período da Idade Média, é uma mentalidade que estava atravessada pela dicotomia entre paraíso e inferno; a imagem que se tinha faz referência à natureza, cujo paraíso se caracteriza por uma paisagem edênica representada por jardins, fontes, anjos e árvores frondosas. Já no inferno, a natureza pressupõe caminhos com pontes estreitas, rios ferventes, montanhas, lagos de gelo e monstros. Por conta dessa visão, a Amazônia aparece como paraíso e ao mesmo tempo como inferno.

É importante grifar que o adágio teológico ao pensar a Amazônia como paraíso e inferno, a natureza é seu elemento central. A natureza, como elemento soberano nas interpretações ortodoxas, conforme Almeida (2008, p. 46), atribuiu à Amazônia classificações estigmatizantes. Ademais, “[...] o mundo colonial construiu o conhecimento dessa ideia de “natureza” que marca até hoje a visão erudita corrente” sobre esse lugar.

Nas narrativas dos viajantes, a localização do paraíso e do inferno eram temas frequentes. Trata-se de uma busca por uma nova terra que atraia e ao mesmo tempo assustava os viajantes. A base moral de tais navegantes europeus embasava-se no pensamento religioso, assim, quando houve contato com o Novo Mundo, a associação dos europeus foi de cunho religioso, a saber, a descoberta do “paraíso terrestre”. As histórias bíblicas e as lendas greco-romanas foram importantes na constituição do imaginário dos viajantes, dos cronistas e dos missionários (GONDIM, 1994).

A primeira referência que se tem acerca do “paraíso” é a Bíblia. A palavra “paraíso” é usada para se referir ao Jardim do Éden, considerado como o primeiro lar da humanidade (Gn 2.7-15). Segundo a narrativa bíblica, o Éden era um lugar onde o primeiro casal humano, Adão e Eva, viviam livres de doenças, dores, sofrimento, lugar onde morte não havia. De acordo com a Bíblia, este lugar encontra-se no meio de uma nascente de onde se separam os quatro rios citados no livro de Gênesis: Fison, Gion, Tigre e Eufrates (Gn 2. 8-15).

Todavia, mesmo com a perda desse lugar por causa do pecado, a Bíblia, em muitos momentos, se refere também ao paraíso como a “terra que emana leite e mel”. Dessa forma, os viajantes, pressionados por adversidades que afligiam a sua época, sonhavam encontrar o paraíso, pois acreditavam que existia na terra um paraíso (o jardim do Éden) igual ao descrito na Bíblia.

[...] um grande rio nascia naquele local aprazível, cujas águas encobriam riquezas, e não muito longe, uma fonte convidava para a total supressão dos males sociais, onde a fome, as doenças e as pestes continuamente dizimavam respeitáveis contingentes humanos (GONDIM, 1994, p. 14).

Esse local descrito pela tradição religiosa e almejado pelos europeus foi encontrado e se localizava na Amazônia. Esse imaginário comparou a flora e a fauna Amazônica com o jardim do Éden, ou seja, a natureza que encantou os viajantes foi descrita em suas narrativas como o paraíso perdido, a “terra prometida que emana leite e mel”. “E nos trouxe a este lugar, e nos deu esta terra (Canaã), terra que emana leite e mel” (Dt 26.9).

Segundo a Bíblia Sagrada, Canaã foi a terra prometida dada por Deus ao seu povo escolhido, desde Abraão. Canaã era rica em recursos naturais, produzia frutas, mel, entre outros alimentos, por isso da referência de “terra que emana leite e mel”. Essa expressão é citada com frequência nos textos do Oriente Médio Antigo. O povo israelita em um determinado momento se referiu à terra egípcia como sendo uma “terra que emana leite e mel” (Nm 16.13, 14). No contexto egípcio, os textos antigos fazem menção à terra de Canaã como sendo rica em recursos naturais e cultiváveis.

A “terra prometida que emana leite e mel” é o paraíso terrestre, “que representava o sonho sempre perseguido de viver eternamente, longe das pestes e da fome” (GONDIM, 1994, p. 27). Nota-se que a visão sobre a Amazônia foi inspirada na doutrina cristã. Trata-se de um conceito criado pelos cronistas, envolvidos nas incursões pelos rios Amazônicos, os quais criaram um imaginário fantasioso, levando a Amazônia a ser concebida como o berço de um paraíso terrestre. Desde então, a ideia de “paraíso terrestre” passa ser um dos temas mais recorrentes na interpretação acerca de tal lugar.

Prova disso, que a localização do “paraíso terrestre” na Amazônia levou o europeu também a acreditar que o nativo, ou seja, o chamado “primitivo” era o próprio Adão, sem malícia e pecado. Visão que impulsionou, conforme Gondim (1994), o espírito de superioridade bíblica oferecida por Deus a Adão em autorizá-lo a nomear o desconhecido.

A cultura indígena foi descrita a partir do paradigma teológico e do princípio de que os *brancos* eram os *eleitos de Deus*, e por isso superiores aos povos do novo continente. O desconhecimento da palavra relevada [ou seja, da Bíblia Sagrada], da organização estatal e da escrita foram vistos como marcas da barbárie e de primitivismo. As diferenças eram consideradas desvios de fé, transgressões capazes de conduzir os americanos ao inferno (RAMINELLI, 1997, p. 11-12, acréscimos das autoras).

Portanto, ninguém melhor que os eleitos por Deus, os cristãos, para dizer como os povos que viviam na Amazônia deveriam se comportar. Seus valores religiosos estavam embutidos de superioridade, desprezando todo um conhecimento já estabelecido, classificando pelo viés cristão como sagrado e profano.

Forja-se uma imagem de um paraíso terrestre, a qual marcou o imaginário de todos aqueles que tentaram ter contato com a Amazônia. O olhar superior dos povos colonizadores sobre os povos colonizados está presente em toda a história dos chamados grandes “descobrimientos”. Essa falsa supremacia é observada, de um modo muito particular, em toda bibliografia que descreve a Amazônia e compara as populações tradicionais, desde os primeiros viajantes, do jardim do Éden ao antimundo, na chegada dos primeiros imigrantes europeus, até os constantes ciclos migratórios de brasileiros vindos de outras regiões em busca do eldorado (COSTA, 2008).

A Hermenêutica de Gadamer e a Invenção da Amazônia

“A hermenêutica é a teoria geral de compreender e, como tal, torna-se instrumento geral das ciências do espírito”, isto quer dizer que tais ciências explicam um fato espiritual, quando decifram seu sentido em conexão com o seu significado (GIBELLINI, 1998, p. 59).

A interpretação da Amazônia expressa em documentos escritos é a compreensão da própria experiência espiritual de seus primeiros interpretes, justamente por isso a vida espiritual de seus escritores pode ser revivida no processo de compreensão interpretativa das ideologias construídas acerca da sociedade amazônica e que permanecem até hoje.

Neste caso, a compreensão da Amazônia é a abrangência da existência de seus interpretes, por essa razão é necessário interrogar o texto, “porque somente assim consegue-se fazer o texto falar e decifrá-lo em sua objetividade” (GIBELLINI, 1998, p. 61). Sem essa pré-compreensão o “texto Amazônia” continua mudo.

Hans-Georg Gadamer, intelectual alemão, contribuiu de forma marcante a cerca da reflexão sobre a hermenêutica, com a força de seu próprio pensamento e também fazendo sínteses das ideias de pensadores fundamentais, tais como Aristóteles, Dilthey e Heidegger. Mas a virada hermenêutica, Gadamer trouxe com sua hermenêutica filosófica, em que expôs uma lição nova e definitiva.

Nas palavras do autor supracitado, uma coisa é estabelecer uma práxis de interpretação opaca como princípio, e outra bem diferente é inserir a interpretação num contexto – ou de caráter existencial, ou com as características do acontecer da tradição na história do ser – em que interpretar permite ser compreendido progressivamente como uma autocompreensão de quem interpreta. E, de outro lado, a hermenêutica filosófica ensina que o ser não pode ser compreendido em sua totalidade, não podendo assim, haver uma pretensão de totalidade da interpretação. Ou seja, o hermeneuta conduz seu esforço reflexivo em direção ao contexto investigativo, na busca pela verdade, tendo por meio da ação hermenêutica uma exigência transcendental de coerência (GADAMER, 2008).

Para Gadamer (2008) toda tradução já é interpretação, ou seja, o ato de interpretar é inerente a qualquer ato de compreensão. Partindo desse pressuposto, Neide Gondim, ao analisar os textos de cronistas e viajantes que exploraram a Amazônia, afirma que em tais interpretações esse lugar é uma invenção. São registros de um imaginário fantasioso, infernal, utópico e preconceituoso, contudo essa compreensão/invenção contribuiu, sobretudo para estereótipos acerca da flora, da fauna e dos moradores da região amazônica.

Gondim (1994) destaca duas visões que tentaram decifrar a “esfinge amazônica”, a saber, o imaginário europeu e o contraste deste imaginário com o modo como viviam os nativos. A leitura de Gondim “toma como base a expressão [*Ausdruck*] linguístico-literária e chega à própria experiência espiritual [*Erlebnis*] do autor, revivendo-a na identificação [...]” (GIBELLINI, 1998, p. 59).

A leitura de Gondim é esclarecedora porque compreende a vida espiritual, ou seja, a própria existência expressa nos textos daqueles que tentaram interpretar a Amazônia. Essa existência – pensamentos – implicou em ideias que marcaram os elementos constitutivos da identidade Amazônica.

Desse modo, conclui-se que a ideia de paraíso atribuída a Amazônia denota que os seus exploradores precisavam de algum modo interpretar e transmitir para uma sociedade externa como eram essas terras, ao ponto de Orellana afirmar que “as Amazonas são as guardiãs desse Éden tropical”, cristianizando o lugar, pois “a região banhada pelo grande rio ainda era uma incógnita” (GONDIM, 1994, p. 115; 119).

No século XVI, as informações dos primeiros europeus (Vicente Pinzón, Diego de Lepe e Marco Polo) acerca deste lugar estavam perpassadas por uma crença de que haviam

encontrado o paraíso, como o Jardim do Éden. Essa representação levou a Amazônia a ser imaginada como o berço do paraíso terrestre, cujas riquezas, prosperidade e mistérios eram imensuráveis.

Sob a luz de uma hermenêutica bíblica, *paraíso* faz alusão ao primeiro lar da humanidade, a saber, o Jardim do Éden (Gn 2. 8-15). Esse lugar era o paraíso original para a humanidade na terra, livre de doenças, dor, sofrimento e morte, porém esse lugar foi perdido. A ideia de paraíso se expressa de muitas formas nas narrativas bíblicas como Terra Prometida, Nova Jerusalém e Reino de Deus.

Esses conceitos carregam um problema teológico: a salvação. O sentido da busca pela salvação é atingir o *paraíso*, perdido em consequência do pecado. A expulsão do paraíso implicou em maldição advinda com a queda, assim os primeiros habitantes do paraíso terrestre foram lançados em um mundo natural não cultivado, de dores e de morte (Gn 3. 16-19). Desse modo, na medida em que o sofrimento aumentava concomitante a vontade de atingir novamente o paraíso crescia. Simbolicamente paraíso significa esperança e salvação, delineado como um mundo onde homens e mulheres serão libertos de sua condição pecaminosa.

Assim não é de surpreender que o sonho de encontrar o paraíso na terra esteja diretamente vinculado a Amazônia. Trata-se de um período em que o Mundo Velho estava assolada pela fome, pela destruição das plantações, pelas revoltas camponesas, contudo era o momento de buscar novos mercados e riquezas, os quais são responsáveis pela propagação de uma mentalidade cristã quanto ao paraíso.

A visão dos europeus acerca da Amazônia está intrinsecamente vinculada ao mito do *paraíso perdido*. No cerne de sua ocupação havia uma necessidade de tornar tudo externo, traduzível, entendível. Assim, compreender o que alguém diz é partilhar um universo de sentido, partilha que se realiza na linguagem.

A compreensão é “pôr-se de acordo na linguagem” enquanto a interpretação seria a “demonstração expressa” da compreensão, isto é, a “concreção do próprio sentido”. Isto revela que “compreender e interpretar estão imbricados de modo indissolúvel” (GADAMER, 2008, p. 497; 514).

A interpretação e a formação de uma ideia de Amazônia para os cronistas e viajantes sofria forte influência das principais ideias propagandas no período, as quais eram carregadas de ideologias religiosas e recheadas pelos elementos mágicos e míticos. Fazer uma interpretação e construir uma ideia de Amazônia à luz dessas ideologias, colocava esses intérpretes em uma situação hermenêutica e a agir orientado por essa atitude, ou seja, com a intenção de compreender a realidade Amazônica, à luz das ideologias da época.

O cronista Alonso de Rojas, explorador do Rio Amazonas, em sua observação é inerente à herança bíblica e medível de busca do paraíso: “do Rio das Amazonas afirmam os que o descobriram, que seus campos parecem paraísos e suas ilhas jardins, e que se a arte ajudar a fecundidade do solo serão paraísos e jardins bem tratados”. Rojas elege o rio Amazonas ou o rio das Amazonas como um rio cristão, pois o mesmo “forma um conjunto de maravilhas, as quais de tão perfeitas, só poderiam ter sido criadas por Deus”. O cronista ainda considera o local da nascente do rio Amazonas como a sede espiritual do reino de Deus, comprovando “de fato, a predição bíblica da existência de um Paraíso na Terra”, por estar conservado e escondido dos ímpios (GONDIM, 1994, p. 110).

Nota-se que os intérpretes da Amazônia possuíam, por antecipação, ideias e conceitos que integravam o seu universo cognitivo e interferiram diretamente no processo interpretativo. Neste sentido, Gadamer enfatiza que quando compreendemos um texto, não nos colocamos no lugar do outro, nem é o caso de pensar que se trata de penetrar a atividade espiritual do autor; trata-se, em outros termos, de apreender o valor intrínseco dos argumentos apresentados, e isto da maneira mais complexa possível. O sentido da investigação hermenêutica é revelar o milagre da compreensão e não a misteriosa comunicação entre as almas.

De acordo com o autor, uma consciência formada por uma autêntica atitude hermenêutica é sempre receptiva às origens e características totalmente estranhas de tudo aquilo que lhe vem de fora. Em todo caso, tal receptividade não se adquire por meio de uma “neutralidade” objetivista. A atitude hermenêutica supõe uma tomada de consciência com relação as nossas opiniões e preconceitos.

O espaço de jogo se dá entre o texto e aquele que o compreende. A intenção do intérprete é se fazer mediador entre o texto e a totalidade nele subentendida. Portanto, o objetivo da hermenêutica é sempre restituir e restabelecer o acordo, preencher as lacunas. A hermenêutica é uma tarefa constante da compreensão que reside na elaboração de projetos autênticos que correspondam ao seu objeto. Em outros termos, trata-se de um empreendimento audacioso que busca ser recompensado por uma confirmação do próprio objeto [GADAMER, 1994].

O que Gadamer quer qualificar de objetividade não seria outra coisa senão a confirmação de uma antecipação no curso mesmo de sua elaboração. Para este filósofo, toda interpretação de um texto deve, pois, começar por uma reflexão do intérprete sobre as ideias preconcebidas que resultam da “situação hermenêutica” em que ele se encontra.

A exigência que é própria da hermenêutica, de pensar a realidade histórica propriamente dita nos advém daquilo que Gadamer chama de princípio da produtividade histórica. Compreender é operar uma mediação entre o presente e o passado, é desenvolver em si mesmo toda a série contínua de perspectivas na qual o passado se apresenta e se dirige a nós.

Neste sentido, a visão que se construiu sobre a Amazônia no passado evidencia que há muito de utopia no que se pensa e no que se diz sobre a Amazônia enquanto paraíso nos dias de hoje. Os próprios desbravadores e colonizadores se frustraram ao perceber que essa terra não tinha tanto ouro como imaginavam, sendo considerada em alguns momentos como “inferno” por causa do clima e da floresta. Gondim destaca que os próprios viajantes transformaram o paraíso em inferno por causa da ação dos carapanãs (mosquitos). Esse imaginário pretérito moldou a identidade da Amazônia aos olhos do mundo.

A constatação de que realmente existia um paraíso terrestre excitou uma guerra pela hegemonia das terras descobertas, “as terras de ninguém”. Impulsionando também, conforme Gondim, o espírito de superioridade bíblica oferecida por Deus a Adão em autorizá-lo a nomear o desconhecido. Tal nomeação tem sido passada de geração em geração. São temas apaixonantes que universalizam a ideia de um lugar intocável. Trata-se de uma visão que romantiza a vida comunal – ainda preservada –, afirmando ser uma terra sem conflitos, onde a harmonia social é a sua principal característica.

Considerações Finais

A região Amazônica chamou a atenção dos primeiros viajantes pela sua exuberância natural, por seus mistérios, pela diversidade cultural dos primeiros habitantes. O imaginário, as lendas, os mitos, as histórias, a religiosidade construída em torno dessa região tem sido passado de geração em geração. São temas que universalizam a ideia de um lugar intocável. Habitado por índios, caboclos, ribeirinhos, quilombolas, camponeses que vivem em pequenas comunidades, estes e outros nomes são associados aos moradores da região, vistos como grupos que vivem sem nenhum tipo de tecnologia ou acesso a cidade.

São estudos que romantizam a vida comunal na Amazônia, idealizando como o europeu colonizador uma terra sem conflitos, onde a harmonia é a principal característica do homem amazônico. A exuberância da Amazônia permeia a imaginação no mundo inteiro e exerce forte fascínio sobre todos. Há muito de utopia no que se pensa e no que se diz sobre a Amazônia. Essa região também é um lugar de conflitos, no entanto, isto não significa que os grupos sociais não reproduzam e restabeleçam suas relações comunais, muitas vezes as intrigas não

impedem que o grupo se reúna para o trabalho coletivo durante a colheita agrícola, revivam suas tradições culturais, reinventam novas formas de relacionamento com o meio.

A obra de Neide Gondim *A invenção da Amazônia* traz uma contribuição significativa sobre o imaginário amazônico, mostrando como a mitologia, o pensamento religioso ainda influenciava a visão de mundo dos europeus. Observa-se que desde sempre o homem quis encontrar o paraíso perdido, a Amazônia foi vista desta forma, expressando, assim, a ilusão do Novo Mundo.

A autora descreve como a Amazônia foi inventada pelos europeus, extinguindo a ideia de que a Amazônia foi descoberta. A Amazônia foi invenção a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes. A partir dessa ideia, observa-se claramente a visão inaugural sobre a Amazônia e quais foram os artifícios que os europeus utilizaram para propagar uma “Amazônia” por meio dos conhecimentos e pretensão social, política e econômica dos europeus.

A ideia de Amazônia inventada pelos cronistas e viajantes exerceu uma grande influência na própria formação do pensamento social amazônico, claramente presente até o início do século vinte, quando Euclides da Cunha mensura e classifica como a “*última página do gênesis*” a Amazônia que leu através da literatura dos viajantes e posteriormente confronta com o seu olhar ao ver essa região de perto em 1904.

Torna-se desafiador, portanto, analisar em qual desses olhares é possível identificar as percepções dos processos sociais em tempos e espaços nos quais as ciências sociais ainda não possuíam seus campos de investigação e instrumentos teóricos delimitados. Sem sombra de dúvidas, a Amazônia não esteve dissociada das dinâmicas de instituição dos campos das ciências humanas e sociais. Deste modo, identificar os olhares e as ideias de Amazônia a luz da hermenêutica torna-se uma tarefa importante na reconstrução do próprio pensamento social amazônico.

Deste modo, entende-se que a formação do pensamento social amazônico trouxe consigo as bases de ideologias presentes nesse olhar do europeu sobre a região, olhar este recheado de interpretações ideológicas e cientificistas que somente no curso do século vinte conseguiu-se através de um conjunto vasto de autores contribuir para a formação de um pensamento social mais sistematizado sobre o homem e a sua relação com a natureza amazônica. Porém, a compreensão das primeiras ideias de Amazônia, ou seja, a leitura hermenêutica dos viajantes torna-se a chave para percebermos como se processou a ideia de Amazônia hoje e a sua relação com a nação e o mundo.

Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Antropologia dos Arquivos da Amazônia*. Rio de Janeiro: Casa 8/Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

COSTA, Mayla Cristina; AGRA, Klondy Lúcia de Oliveira; COSTA, Álvaro Rodrigo. *Um entrave ao desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira: a visão colonizadora na elaboração de projetos*. UNIRON - Faculdade Interamericana de Porto Velho, 2008.

GADAMER, H. G. *Verdade e Método*. Tradução Flávio Paulo Meurer. 9º Ed. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista, São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2008.

_____. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do século XX*. Tradução João Paixão Netto. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

GONDIM, Neide Linda. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1994.

PIZARRO, Ana. *Amazônia, as vozes do rio: imaginário e modernização*. Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. In: PRIORE, Del Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.